

Povos Indígenas no Brasil

Fonte 0 ESTADO DE S. PAULO

Class.: 356

Data 08/05/80

Pg.:

Nobre da Veiga revela: há muitos corruptos na Funai

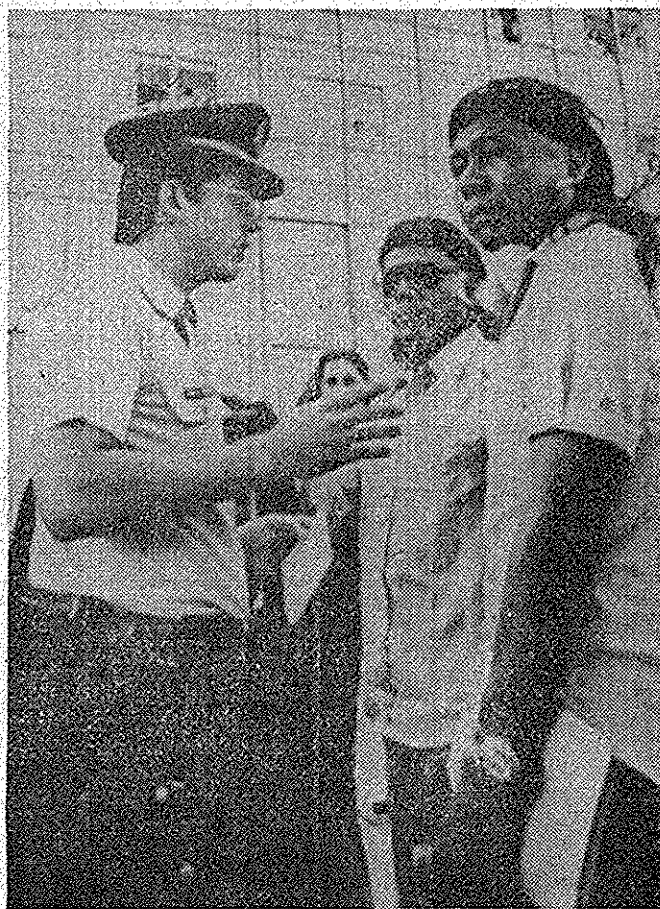
Da sucursal de
BRASÍLIA

Depois de assistir pela segunda vez, esta semana, à invasão da sede da Funai por mais de trinta líderes xavantes que exigiam que fosse demitido, o presidente do órgão, coronel Nobre da Veiga, irritado, reuniu-se com os índios e afirmou que herdou uma instituição esfacelada, cheia de corruptos que alteraram até nomes de rios para diminuir reservas indígenas. "Hoje em dia — afirmou o coronel — estes corruptos possuem fazendas, constroem casas no lago Sul de Brasília e são proprietários de postos de gasolina. São estes mesmos maus funcionários que estão fazendo campanha para me afastar da Funai."

O encontro do coronel com os índios foi mantido depois de vários incidentes na porta do edifício que estava sendo vigiado por vários agentes da Polícia Federal e viaturas da Polícia Militar. Os índios exigiam a presença da imprensa na reunião com o presidente da Funai, mas isso só foi permitido depois de várias discussões. O cacique Uarodi, da reserva de Pimentel Barbosa, que não fala português, protestou no início da reunião contra a presença de policiais na Funai. Afirmou que quando o coronel Nobre da Veiga visitou a reserva Xavante "não foi recebido por guerreiros armados".

Inicialmente, os xavantes pediram ao coronel que deixasse a entidade, pois os índios não estavam gostando do trabalho dele. Um dos líderes indígenas presentes chegou a dizer que ficaria muito feliz se o coronel saísse da Funai.

Nobre da Veiga reconheceu, bastante nervoso, as falhas existentes no órgão. Admitiu mesmo que nenhuma área indi-



Telefoto Estado

Cacique Aniceto (de óculos) discute com policial na Funai

gena demarcada foi ainda registrada oficialmente. "Encontrei uma Funai esfacelada, cheia de assessores, mas o Departamento Geral de Operação, por exemplo, estava totalmente acéfalo."

Quando os índios reclamaram da presença de mais de 20 militares contratados por Nobre da Veiga para a Funai, o coronel respondeu "que empregaria quantos coronéis quisesse, pois a Constituição não coloca nenhum empecilho a isto".

Nobre da Veiga disse ainda que reconhece a falta de vivência de funcionários da Funai no problema indígena. "Sei muito bem — afirmou — que não adianta trabalhar quatro anos junto a uma comunidade e depois ir embora, pois, para conhecer os problemas dos índios, é necessária uma vida inteira dedicada a este trabalho".

O cacique Aniceto, de São Marcos, antes do encontro também protestou junto ao chefe do policiamento da PM, afirmando que os índios "não eram

criminosos". O índio Eduardo, da mesma reserva, também criticou a presença de policiais. "Nenhum outro presidente da Funai chamou a polícia para ocupar o prédio. A Funai é a casa do índio", disse.

O presidente da Funai garantiu aos índios que encaminhará de imediato o pedido para a ampliação da reserva ao ministro do Interior, Mário Andreazza, que, se aprovado, englobará mais 60 mil hectares.

SITUAÇÃO DIFÍCIL

O chefe xavante Gabriel esteve ontem no Ministério do Interior recebendo roupas e sapatos que alguns funcionários lhe tinham prometido. Quando voltar à cidade, em junho, deverá retribuir os presentes. Gabriel está ciente de que os xavantes não serão recebidos pelo ministro do Interior, Mário Andreazza, e disse que "a situação está cada vez mais difícil, por isso o ministro poderia receber os índios".

Gabriel esteve na Fundação Nacional do Índio durante toda a manhã e afirmou que o presidente do órgão tutelar, coronel João Carlos Nobre da Veiga, "não quer chegar a um acordo com os índios", quanto à modificação dos limites da reserva de Pimentel Barbosa. "A polícia, disse, também foi lá. Mas polícia não pode prender índio. Não entendo o que polícia foi fazer lá, porque medo em nós ela não faz, não. Polícia só pode prender branco." O chefe xavante contou ainda que os índios vieram a Brasília por conta própria e muitos estão sem alojamento, "comendo pão porque não têm dinheiro para comprar a comida". Gabriel revelou ainda que amanhã voltará para a sua aldeia - Colúenê - mas que um grupo de líderes permanecerá na cidade até que a questão esteja resolvida.